



ÁFRICA

Generais em guerra explosiva no Sudão

Ex-aliados, Abdel Fatah al-Burhan, que controla o Exército sudanês, e Mohamed Hamdan Daglo, líder das forças paramilitares FAR, protagonizam uma violenta disputa pelo poder. Em três dias, mais de 180 pessoas morreram. Apesar dos apelos, não há sinal de cessar-fogo

Há pouco tempo, os generais Abdel Fatah al-Burhan e Mohamed Hamdan Daglo eram tidos como amigos. Mais que isso, aliados. Juntos, estiveram à frente do golpe que pôs fim à transição do Sudão para um governo civil, em 2021. Ex-comandante do Exército sob o ditador deposto Omar al-Bashir, Al Burhan pensava contar com a lealdade de seu vice, também conhecido como “Hemedti”, chefe das Forças de Apoio Rápido (FAR). Nos últimos meses, tudo mudou e, desde sábado, eles lideram combates explosivos, que eclodiram na capital, Cartum, e rapidamente se espalharam pelo país, numa disputa pelo poder.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), em três dias, mais de 180 pessoas morreram e 1,8 mil ficaram feridas no conflito. “A situação é muito instável. É difícil afirmar para onde pende o equilíbrio”, disse o chefe da missão da ONU no país, Volker Perthes, após uma intervenção a portas fechadas no Conselho de Segurança.

Os dois lados se acusam mutuamente da violência, que aumenta à medida que as forças rivais rejeitam pedidos de cessar-fogo feitos pela comunidade internacional. Estados Unidos, Reino Unido, União Africana e países árabes tentaram evitar os embates. A escalada mina cada vez mais a expectativa de um processo de transição democrática.

O confronto se dá quatro anos depois da mobilização que derrubou Al Bashir, que governou o Sudão por três décadas. A partir dali, iniciou-se a transição, interrompida pelo golpe de outubro de 2021. Desde então, Al Burhan, 62 anos, é o dirigente de fato do terceiro maior país da África em extensão territorial. Líder das FAR, o poderoso grupo paramilitar que se formou em Darfur, Daglo, 48, tornou-se o número 2.

Sem energia e água

Ontem, no terceiro dia de embates, explosões voltaram a abalar Cartum, imersa ao cheiro de pólvora. Pelo menos dois hospitais da capital foram evacuados “enquanto foguetes e balas crivavam suas paredes”, disseram os médicos, que alegam ter ficado sem bolsas de sangue e material para cuidar dos feridos.

A população está entinchada em casas, a maioria sem água

Fotos: AFP



Coluna de fumaça em área residencial da capital, Cartum, que já sofre com desabastecimento: escalada da violência preocupa a comunidade internacional



Al Burhan e Hemedti (D) estiveram juntos no comando do golpe que interrompeu a transição para um governo civil, há dois anos



encanada ou eletricidade, tremendo a cada novo ataque aéreo. Apenas homens fardados e veículos militares circulam pelas ruas. As poucas mercearias abertas avisaram que, se os caminhões não chegarem, logo ficarão sem estoque.

O secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, pediu aos dois generais que “parem imediatamente com as hostilidades”, já que podem ser “devastadoras para o país

e toda a região”. A ONU, que propôs uma trégua humanitária de algumas horas no domingo, declarou-se “extremamente decepcionada” com o desrespeito dos beligerantes e denunciou ontem a “intensificação dos combates”.

Briga de versões

Segundo analistas, é impossível precisar o avanço de cada um dos

lados. As FAR alegam terem tomado o aeroporto e entrado no palácio presidencial, o que o Exército nega. Por sua vez, os militares afirmam ter em mãos o quartel-general do Estado-Maior, um dos principais complexos de poder em Cartum. A televisão estatal começou a transmitir imagens e declarações do Exército, que afirma ter recuperado terreno em muitos lugares. Dois gregos ficaram feridos em

Cartum e cerca de 15 pessoas estão escondidas na igreja ortodoxa da cidade, impossibilitadas de sair por causa dos combates, disse o arcebispo metropolitano de Núbia e de todo o Sudão, monsenhor Savvas, que está dentro do templo.

O Programa Mundial de Alimentos (PMA) suspendeu o auxílio no domingo após a morte de três membros de sua equipe nos combates da província de Darfur

(oeste). Estima-se que mais de um terço dos 45 milhões de sudaneses precisam de ajuda humanitária.

“Essa é a primeira vez na história do Sudão desde sua independência (em 1956) que se observa tal nível de violência no centro de Cartum”, declarou à agência France Presse (AFP) Kholood Khair, fundadora do centro de pesquisas Confluence Advisory, na capital do país.

“Cavalo de Troia”

O general Al Burhan é acusado por seus adversários de ser um cavalo de Troia dos islâmicos e chefes da época de Al Bashir. Após a queda do ditador, ele dirigiu o Conselho Soberano junto com partidos políticos civis para levar o país rumo à democracia. Antes do golpe, havia prendido quase todos os ministros e autoridades civis. Seus comandados o descrevem como “um comandante que sabe liderar suas tropas”.

Pai de três filhos, Al Burhan coordenou o envio de tropas sudanesas para o Iêmen, segundo a imprensa local. Também impulsionou a normalização das relações com Israel e mantém bons vínculos com o Egito, país onde frequentou a academia militar, além da Jordânia e do próprio Sudão.

No Golfo, porém, analistas apontam que seu agora inimigo conseguiu se impor mais. Nascido em 1975 em uma tribo árabe na fronteira com o Chade, Daglo conseguiu criar aliados nos Emirados Árabes Unidos e na Arábia Saudita depois de enviar seus homens para lutar na Líbia, ou na coalizão militar liderada por Riade no Iêmen.

Atualmente, ele conta com vantagens. Suas forças, criadas em 2013 e integradas ao Exército regular, controlam inúmeras minas de ouro, lembra o European Council on Foreign Relations. E, segundo os EUA, têm com o apoio dos paramilitares russos do grupo Wagner.

Ao longo dos anos, Hemedti se estabeleceu como um jogador-chave no país. De chefe de uma pequena milícia, no início dos anos 2000, estabeleceu-se no topo do poder, estendendo sua influência de Darfur até Cartum. Durante o golpe de 2021, Daglo ofereceu sua ajuda a Al Burhan, mas hoje diz que mudou e se alinha com os civis para denunciar o Exército comandado pelo rival.

RÚSSIA

Opositor de Putin condenado a 25 anos de prisão

Voz crítica ao governo do presidente da Rússia, Vladimir Putin, o ativista Vladimir Kara-Murza foi condenado, ontem, a 25 anos de prisão por várias acusações, incluindo a de “alta traição”. A sentença, que reflete a repressão aos que censuram a ofensiva na Ucrânia, é a maior imposta a um opositor na história recente do país. A defesa vai recorrer.

Ao fim do julgamento, realizado a portas fechadas em um tribunal de Moscou, foi declarado culpado também por divulgação de “informações falsas” sobre o Exército russo e trabalho ilegal para uma organização “indesejável”. Kara-Murza cumprirá a pena em uma colônia penal de regime severo, o que implica condições

de reclusão mais estritas, como pedido pela acusação.

De dentro de uma cela, no meio da sala de julgamento, o opositor de 41 anos deu um breve sorriso ao ouvir a condenação. O ativista também gesticulou para pedir que seus apoiadores escrevassem para ele na prisão.

“Um quarto de século com ‘A+’ por sua coragem, coerência e honestidade em seu trabalho. Estou infinitamente orgulhosa de você, meu amor, e sempre estarei ao seu lado”, tuitou Yevgenia Kara-Murza, mulher do réu. Para ela, a sentença reflete o medo que o Kremlin tem de seus críticos.

Os defensores de Kara-Murza prepararam uma apelação. “É um veredicto terrível, mas reflete o



Vladimir Kara-Murza, de pé, ouve a sentença, em Moscou

grande valor da ação de Vladimir”, disse a advogada Maria Eismont, antes de destacar que seu cliente acredita “sinceramente que atuou pelo bem da Rússia”.

O advogado Vadim Prokhorov, que também atua na defesa do ativista, classificou a ação como uma “vingança política”. “O processo criminal contra ele não teve nada a ver com justiça desde o início”, disse ele, desde Washington.

Preso há dois anos, o opositor Alexei Navalny reagiu, em mensagem postada nas redes sociais por sua equipe. “Considero (o veredicto) ilegal, desavergonhado, simplesmente fascista”, frisou.

A comunidade internacional externou preocupação. A Organização das Nações Unidas (ONU)

e os governos da Alemanha e do Reino Unido pediram a “libertação imediata” do opositor, que também tem nacionalidade britânica. Washington denunciou uma “campanha de repressão crescente” e uma condenação por “motivos políticos”. A União Europeia (UE) apontou o “uso abusivo do Poder Judiciário”.

Em declarações no último dia 10, Kara-Murza reforçou seu compromisso político. “Não só não me arrependo de tudo isso, como estou orgulhoso”, disse, de acordo com texto publicado pelo jornalista Alexei Venediktov. Em prisão provisória desde abril de 2022, ele ficou à beira da morte depois de ser envenenado em 2015 e 2017, ações que ele atribuiu ao governo russo.